

Igreja e Eucaristia: um círculo aberto

D. ANTÓNIO COUTO*

Introdução

Que a Eucaristia é uma Festa é um dado adquirido. Mas é igualmente seguro que a Festa, bíblicamente falando, é uma roda de alegria, um círculo aberto. Na verdade, na Bíblia, uma Festa é um encontro marcado (*mô'ed*), plural *mô^adîm*, de *ya'ad* [= marcar um encontro], com Deus e com os outros¹. Sendo um encontro marcado com Deus e com os outros, então é sempre um espaço de alegria, de filialidade e de fraternidade. E se a Festa é de peregrinação, como são a Páscoa, as Semanas ou Pentecostes e as Tendões –, então a alegria, a filialidade e a fraternidade são ainda mais intensas, dado que Festa de peregrinação se diz, na língua hebraica, *hag*, plural *hagîm*. E *hag* deriva de *hûg*, que significa círculo, e, portanto, família, lareira, encontro, alegria, música, roda, dança, vida².

Os verbos implicam acção, traduzem atitudes, desenham passos e gestos. É, por isso, importante, neste estudo sobre a Eucaristia, começar por mostrar os verbos que lhe servem de suporte no Novo Testamento. Percorremos, para o efeito, todos os textos significativos que a manifestam: a) os cinco textos que se referem à instituição da Eucaristia (Mt 26,26-27; Mc 14,22-23; Lc 22,17-20; 1 Cor 11,23-26; 1 Cor 10,16), a que acrescentaremos ainda um texto do Livro dos Actos (27,35); b) os seis textos que habitualmente são mencionados a propósito da chamada «multiplicação dos pães» (Mt 14,19; 15,36; Mc 6,41; 8,6; Lc 9,16; Jo

* Universidade Católica Portuguesa; Bispo Auxiliar de Braga.

¹ G. DEIANA, *Levitico. Nuova versione, introduzione e commento*, Milão, Paoline, 2005, p. 244-245 e 254; J. ELIAS, *The Haggadah. Passover Haggadah / with translation and a new commentary based on Talmudic, Midrashic, and Rabbinic Sources*, Nova Iorque, Mesorah Publications, 3.^a ed., 1980, p. 58.

² J. ELIAS, *The Haggadah*, p. 58.

6,11), a que acrescentaremos um sétimo (Lc 24,30), que também poderíamos catalogar na secção da instituição da Eucaristia. Apresentamos primeiro os verbos tal como aparecem no texto grego do NT, logo seguidos da respectiva versão em língua portuguesa. No que se refere à instituição da Eucaristia, apresentamos primeiro o pão, depois o cálice. No que diz respeito à chamada «multiplicação dos pães», apresentamos em primeiro lugar a primeira e depois a segunda, sendo que Lc 24,30 ocupa aqui o lugar da segunda, que falta em Lucas. João conta apenas uma.

1. Textos referentes à instituição da Eucaristia

<u>Mt 26,26-27</u> <i>labôn árton</i> eulogêsas <i>éklasen</i>	<u>Mc 14,22-23</u> <i>labôn árton</i> eulogêsas <i>éklasen</i> <i>doús</i> <i>lábete</i>	<u>Lc 22,17-20</u> <i>labôn árton</i> eucharistêsas <i>éklasen</i> <i>édoken</i> <i>lábete</i>	<u>1 Cor 11,23-26</u> <i>élaben árton</i> eucharistêsas <i>éklasen</i> <i>édoken</i>	<u>1 Cor 10,16</u> <i>tò potêrion tês eulogías</i> <i>hò eulogoûmen</i>
<i>labôn potêrion</i> eucharistêsas <i>édoken</i>	<i>labôn potêrion</i> eucharistêsas <i>édoken</i>	<i>dexámenos potêrion</i> eucharistêsas <i>lábete</i> <i>diamerísate</i>		
<u>Act 27,35</u> <i>labôn</i> eucharistêsen <i>klásas</i>				

2. Textos referentes à «multiplicação» dos pães

<u>Mt 14,19</u> <i>Labôn toús pénte ártous</i> eulogêsen <i>Oklásas</i> <i>édoken</i>	<u>Mc 6,41</u> <i>labôn</i> eulogêsen <i>katéklasen</i> <i>edídou</i>	<u>Lc 9,16</u> <i>labôn</i> eulogêsen <i>katéklasen</i> <i>edídou</i>	<u>Jo 6,11</u> <i>élaben</i> eucharistêsas ----- <i>diédoken</i>
<u>Mt 15,36</u> <i>élaben</i> eucharistêsas <i>éklasen</i> <i>edídou</i>	<u>Mc 8,6</u> <i>labôn</i> eucharistêsas <i>éklasen</i> <i>edídou</i>	<u>Lc 24,30</u> <i>labôn</i> eulogêsen <i>klásas</i> <i>epedídou</i>	

1. Textos referentes à instituição da Eucaristia [em português]

<u>Mt 26,26-27</u>	<u>Mc 14,22-23</u>	<u>Lc 22,17-19</u>	<u>1 Cor 11,23-26</u>	<u>1 Cor 10,16</u>
Recebendo o pão BENDISSE Partiu Deu Recebei	Recebendo BENDISSE Partiu Deu Recebei	Recebendo DEU GRAÇAS Partiu Deu	Recebeu DEU GRAÇAS Partiu	O cálice da BÊNÇÃO que BENDIZEMOS não é <i>comunhão</i> no sangue de Cristo? O pão que <i>partimos</i> <i>não é comunhão</i> no corpo de Cristo?
Recebendo o cálice DEU GRAÇAS Deu	Recebendo o cálice DEU GRAÇAS Deu	Recebendo o cálice DEU GRAÇAS Recebei Reparti		
<u>Act 27,35</u> Recebendo DEU GRAÇAS Partiu				

2. Textos referentes à multiplicação dos pães [em português]

<u>Mt 14,19; 15,36;</u>	<u>Mc 6,41; 8,6;</u>	<u>Lc 9,16; 24,30;</u>	<u>Jo 6,11</u>
Recebendo os 5 pães BENDISSE Partiu Deu	Recebendo BENDISSE Partiu Dava	Recebendo BENDISSE Partiu Dava	Recebeu DEU GRAÇAS ----- Deu
<u>Mt 15,36</u> Recebeu DEU GRAÇAS Partiu Dava	<u>Mc 8,6</u> Recebendo DEU GRAÇAS Partiu Dava	<u>Lc 24,30</u> Recebendo BENDISSE Partiu Dava	

3. Verbos fundamentais da Eucaristia

Tendo em conta os textos atrás apresentados, podemos enunciar assim os verbos fundamentais, que traduzem as atitudes fundamentais que fazem a Eucaristia:

RECEBER, BENDIZER e AGRADECER,
PARTILHAR e DAR,
COMEMORAR, ANUNCIAR e ESPERAR

Debruçar-nos-emos de seguida sobre cada um destes verbos e respectivas atitudes.

3.1. RECEBER (1 Cor 11,23b-26; Mt 26,26-29)

Como se vê no alinhamento dos textos bíblicos acima enunciados, o verbo «receber» (*lambánô*) abre todos os textos. Vejamo-lo, a título de exemplo, agora inserido em dois textos seleccionados:

«11,²³(...) O SENHOR JESUS, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), **RECEBEU** (*élaben*) o pão (*árton*), ²⁴e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim”. ²⁵Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para memória de mim”. ²⁶Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, estais a anunciar (*kataggéllete*) a morte do Senhor até que Ele venha (*áchris hoû élthê*)» (1 Cor 11,23-26).

«26,²⁶Enquanto comiam, tendo **RECEBIDO** (*labôn*) Jesus o pão (*árton*) e tendo bendito (*eulogêsas*), partiu-o (*éklasen*) e, tendo-o dado (*dídômi*) aos discípulos, disse: “**RECEBEI** (*lâbete*) e comei; isto é o meu corpo”. ²⁷E tendo **RECEBIDO** (*labôn*) um cálice, e tendo dado graças (*eucharistêsas*), deu-lho (*édoken*), dizendo: “Bebei dele todos; ²⁸isto é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”. ²⁹Digo-vos a vós: “desde agora não beberei deste fruto da videira até (*héôs*) àquele dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai”» (Mt 26,26-29).

O verbo «receber» (*lambánô*) qualifica a relação de Jesus em relação ao Pai, de quem recebeu tudo o que tem e é: «Este é o mandamento que recebi de meu Pai» (Jo 10,18; cf. Ap 2,28). O receber de Jesus em relação ao Pai está em relação com o «dar» do Pai a Jesus. O Pai deu ao Filho «tudo» (Jo 3,35; 13,3; 17,7; Mt 11,27), «ter a vida em si mesmo» (Jo 5,26), «as palavras» (Jo 17,8), o «juízo» (Jo 5,22.27), «as obras» e «a obra» (Jo 5,36; 17,4), os homens (Jo 6,37.39; 10,29; 17,2.6.9-11-12.24; 18,9), a «glória» (Jo 17,22.24)... A identidade da pessoa do Pai constitui-se em dar tudo ao Filho, assim como a identidade do Filho se constitui em receber tudo do Pai. O Espírito, por sua vez, é aquele que recebe o que é do Filho, e que o Filho recebeu do Pai. E o que «recebe», o Espírito «anuncia» (Jo 16,13.14.15)³. A Eucaristia começa com um imenso movimento de recepção.

³ G. FERRARO, *Il Paraclito, Cristo, il Padre nel quarto Vangelo*, Cidade do Vaticano, Editrice Vaticana, 1996, p. 137-138.164; S. A. PANIMOLLE, *Dio Padre nel Nuovo Testamento*, in S. A. PANIMOLLE (ed.), *Abbà-Padre (Dizionario di Spiritualità Biblica Patristica [= DSBP], 1)*, Roma, Borla, 1992, p. 132-133; C.-J. PINTO DE OLIVEIRA, *Le verbe Didónai comme expression des rapports du Père et du Fils dans le IV^e Évangile*, in *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 49, 1965, p. 81-104.

O homem bíblico deve viver de mãos abertas (*kaph*), mãos que recebem e dão. Deus governa o mundo com as mãos abertas, dando: «Ele governa o mundo com a palma da sua mão» (Ecl 18,3), que tem sempre posta sobre nós (Sl 139,5). O Talmud, que é a sabedoria hebraica condensada em cinco milhões de palavras, refere exemplarmente que o punho cerrado representa a sabedoria do imbecil, que pensa que detém o mundo nas malhas da sua rede. E refere depois que, quando a mão inicia o movimento de se abrir, é como as pétalas de uma flor que se abre à vida. E acrescenta: é assim que floresce a inteligência. E, quando a mão se abre completamente, é a mão do sábio, que não retém nada, mas conhece o valor do encontro e do dom. E, cruzando agora as duas mãos abertas, ficamos com a imagem do «pássaro, livre, que voa»⁴.

Processo inverso ao da filosofia, desde Zenão a Platão, Descartes, Fichte e Nietzsche, que apresentam o conhecimento como a captura ou compreensão que o sujeito faz do objecto. A verdade (*a-lêtheia*) é assim o desvelamento ou desocultação a que o sujeito submete o objecto, para dele se apoderar, representando-o e reproduzindo-o na mente, «adequação entre a coisa e a mente» (*adequatio rei et intellectus*), como referem Aristóteles e Tomás de Aquino. O último Heidegger, o Heidegger de depois de *Sein und Zeit* (1926), o Heidegger de *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*, escrito entre 1936 e 1938, mas publicado postumamente, em 1989⁵, considera que esta concepção de verdade é a matriz da violência do ocidente, e diz as coisas de outra maneira: não é o sujeito que captura e desoculta o objecto, mas é o objecto que sai do seu esconderijo e se oferece ao homem como dom, como evento (*Ereignis*). Por isso, a função do sujeito já não é capturar e dominar com o que há de «prender» no compreender⁶, mas acolher com espanto e reconhecimento. A Bíblia e a teologia estão claramente do lado do último Heidegger. Mas vão muito mais longe: não se trata de objectos que se entregam ao homem; trata-se de um Tu, o Tu de Deus, que, por amor, vem até ao homem e a ele se entrega por amor⁷, debruçando-se sobre ele e abaixando-se até ao ponto de lhe lavar os pés e a alma⁸, de cuidar dele, de o alimentar, de lhe afagar o rosto, de o ensinar a andar:

⁴ M.-A. OUAKNIN, *Les dix commandements*, Paris, Seuil, 1999, p. 250-251.

⁵ M. HEIDEGGER, *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*, Frankfurt am Main, Klostermann, 1989. Veja-se a recente tradução italiana *Contributi alla Filosofia (dall'Evento)*, Milão, Adelphi Edizioni, 2007.

⁶ Expressão usada por E. LEVINAS, *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 53.

⁷ C. DI SANTE, *Parole di luce. Segnavia dello Spirito*, Villa Verucchio, Pazzini, 2005, p. 119-126.

⁸ H. URS VON BALTHASAR, *L'amour seul est digne de foi*, Aubier, Mouton, 1966, p. 130-131.

«11,³Fui Eu que ensinei a andar Efraim,
 que os ergui nos meus braços,
 mas não conheceram que era Eu que cuidava deles!
⁴Com vínculos humanos (*'adam*) Eu os atraía.
 Com laços de amor,
 Eu era para eles como os que erguem (*m^erîmîm*: part. de *rûm*) uma criancinha
 de peito (*'ûl*) contra a sua face (*l^ehêhem*: de *l^hî*),
 e me debruçava (*natah*) sobre ela para a alimentar» (Os 11,3-4).

Mãos abertas para Receber. Para Acolher. Para Acariciar. Para Dar. Para Repartir. Para Compartilhar.

Receber é, portanto, um grande verbo bíblico, que traduz a maneira de ser de Deus e do homem. É paradigmático que a Bíblia apresente o pecado como a atitude de o ser humano não querer mais viver de mãos abertas, recebendo-se e recebendo tudo de Deus, que dá tudo ao homem (Gn 2), e queira passar a viver de mãos fechadas, fechado na sua autonomia, manifestada naquela atitude de estender a mão para apanhar, possuir e comer um fruto de uma árvore, por conta própria e a seu bel prazer (Gn 3,6).

3.2. Bênção/bendizer/dizer bem/querer bem/fazer bem

3.2.1. Nós bendizemos

Apresentamos também, neste apartado, apenas alguns textos seleccionados e significativos, para se poder ver o termo «bênção» ou o verbo «bendizer» no seu contexto:

«10,¹⁶O cálice da **BÊNÇÃO** (*tò potêrion tês eulogías*) que **BENDIZEMOS** (*eulogôûmen*) não é comunhão no sangue de Cristo? O pão que partimos (*kláô*) não é comunhão no corpo de Cristo?» (1 Cor 10,16).

«26,²⁶Enquanto comiam, tendo recebido (*labôn*) Jesus o pão (*árton*) e tendo **BENDITO** (*eulogêsas*), partiu-o (*éklasen*) e, tendo-o dado (*dídômi*) aos discípulos, disse: “recebi (*lâbete*) e comi; isto é o meu corpo”.²⁷E tendo recebido (*labôn*) um cálice, e tendo dado graças (*eucharistêsas*), deu-lho (*édoken*), dizendo: “Bebei dele todos; ²⁸isto é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”.²⁹Digo-vos a vós: “desde agora não beberei deste fruto da videira até (*héôs*) àquele dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai”» (Mt 26,26-29).

«24,³⁰E aconteceu que, tendo-se reclinado à mesa (*kataklithênai*: aor. inf. pass. de *kataklínô*) com eles, recebeu (*labôn*: part. aor² de *lambánô*) o pão, **BENDISSE** (*eulógêsen*: aor. de *eulogéô*), e partiu (*klásas*: part. aor. de *kláô*) e dava-lhes (*epedídou*: imperf. de *epidídômi*) (Lc 24,30).

É sabido que o primeiro texto apresentado (1 Cor 10,16) é considerado a mais antiga evocação da Eucaristia, que, então, se chamaria *eulogía*, «bênção».

3.2.2. Deus bendiz

Deus que bendiz ou abençoa é uma das constantes da inteira Escritura. Com a sua bênção permanente (Sl 139,5; Ecli 18,3), Deus enche-nos de bem e de bondade. Vejamos apenas uma pequena, mas bela amostra das bênçãos de Deus nas Escrituras:

«6,²⁴Deus te **BENDIGA** e te guarde,

²⁵ilumine YHWH o seu rosto sobre ti e te faça graça (*hanan*),

²⁶te faça ver YHWH o seu rosto e te conceda a paz!

²⁷Porão assim o meu nome sobre os filhos de Israel e Eu os **BENDIREI**» (Nm 6,24-27).

«48,¹⁵... “Que o Deus diante de quem caminharam os meus pais, Abraão e Isaac,

que o Deus que foi o meu Pastor desde que eu nasci até hoje,

¹⁶que o Anjo que me salvou de todo o mal **BENDIGA** estas crianças (...), que elas cresçam e se multipliquem sobre a terra!”» (Gn 48,15-16).

«3,²⁶Para vós, antes de mais, Deus ressuscitou o seu Servo e enviou-o para vos **BENDIZER** (*eulogéô*) (Act 3,26)».

3.2.3. Outros bendizeres

Apresentamos ainda, neste último apartado dedicado ao verbo «bendizer», um entrançado de pequenas fórmulas que atravessam a Escritura e a liturgia Eucarística:

«41,¹⁴**BENDITO** seja YHWH, Deus de Israel, desde agora e para sempre!» (Sl 41,14; cf. 72,18; 89,53; 106,48), servindo de separador aos cinco livros dos Salmos.

«**1,⁶⁸BENDITO** seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo» (Lc 1,68) (Zacarias).

«**1,³BENDITO** (*eulogêtós*) o Deus e Pai do Senhor nosso Jesus Cristo, que nos **BENDISSE** (*eulogêsas*) com todas as **BÊNÇÃOS** (*eulogía*) espirituais em Cristo» (Ef 1,3) (Paulo).

«**6,²⁸BENDIZEI** os que vos maldizem» (Lc 6,28).

«**BENDITO** sejais, Senhor, Deus do Universo, pelo pão que recebemos da vossa BONDADÉ... (Oferta dos dons).

«**ABENÇOE-VOS (BENDIGA-VOS)** Deus todo-poderoso, Pai... (Bênção final).

É sabida a importância da Bênção bíblica (*berakah*), que é sempre unitiva – ao contrário da Maldição (*'alah*), que divide –, e une num círculo inquebrável Deus e o Homem, o Homem e Deus, e os Homens entre si, estendendo-se a sua influência benfazeja à inteira criação. Partindo de Deus, então é Deus que une a si e entre si a humanidade bendita. Bendizer Deus, por parte do homem, implica uma verdadeira ruptura «epistemológica»: a bênção reconduz as coisas criadas ao seu estatuto de dom e retira ao homem o poder sobre elas e entrega-o a Deus, ficando assim o homem constituído em puro beneficiário em relação às coisas⁹. Numa perspectiva bíblica, as coisas não são objecto de bênção, mas motivo de bênção¹⁰. *Barak* é o grande verbo hebraico que traduz a força da bênção bíblica, unitiva e circular. E é de *barak* e da *berakah* hebraica que se desdobram os verbos *eulogéô* e *eucharistéô*, em que assenta a nossa Eucaristia¹¹, e fazem dela um círculo unitivo de bênção e de amor.

3.3. Dar graças / agradecer (1 Cor 11,23-26)

Para contextualizar a locução «dar graças» (*eucharistéô*), apresentamos o texto muito significativo de 1 Cor 11,23-26):

«**11,²³(...)**O Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), recebeu (*élaben*) o pão (*árton*),²⁴ e **DANDO GRAÇAS** (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*)

⁹ C. DI SANTE, *La Preghiera di Israele. Alle origini della liturgia cristiana*, Casale Monferrato, Marietti, 1985, p. 44-45.

¹⁰ C. DI SANTE, *L'eucaristia terra di benedizione. Saggio di Antropologia Biblica*, Bolonha, EDB, 1987, p. 13.

¹¹ C. DI SANTE, *La preghiera eucaristica erede e interprete della berakah*, in A. N. TERRIN (ed.), *Scriptura crescit cum orante. Bibbia e liturgia – II*, Pádua, Messagero, 1993, p. 131-150; C. DI SANTE, *L'eucaristia terra di benedizione*.

e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim”.²⁵Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para memória de mim”.²⁶Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, estais a anunciar (*kataggéllete*) a morte do Senhor até que Ele venha (*áchrís hoú éltê*)» (1 Cor 11,23-26).

Já sabemos que os termos *eulogía* e *eucharistía*, ambos derivados do hebraico *barak/b^erakah*, são, no NT, usados indiferentemente como sinónimos (basta ver como são usados indistintamente nos textos da instituição da Eucaristia e da chamada «multiplicação dos pães»). Na tradição litúrgico-eclesial, acabou, no entanto, por prevalecer o termo *eucharistía* para indicar o rito por excelência da celebração cristã¹².

3.4. Partir / fracção do pão (Act 2,42; Lc 24,35)

Mais uma vez, para contextualizar e sublinhar esta atitude, oferecemos uma pequeníssima, mas significativa selecção de textos, com o intuito de mostrar bem a dimensão intensamente fraterna da Eucaristia:

«2,⁴²Eram perseverantes no ensino dos Apóstolos e na comunhão, na **FRACÇÃO DO PÃO** (*klásis toú ártou*) e na oração» (Act 2,42).

«24,³⁰E aconteceu que, tendo-se reclinado à mesa (*kataklithênai*: aor. inf. pass. de *kataklínô*) com eles, recebeu (*labôn*: part. aor² de *lambánô*) o pão, bendisse (*eulógêsen*: aor. de *eulogéô*), e **PARTIU** (*klásas*: part. aor. de *kláô*) e dava-lhes (*epedídou*: imperf. de *epidídômi*).³¹Foram abertos (*diênoíchthêsan*: aor. pass. de *dianoíô*) então os seus olhos e reconheceram-no (*epégnôsan*: aor² de *epignôskô*), mas ele desapareceu da vista deles. [...] ³⁵E eles explicavam (*exêgoûnto*: imperf. de *exêgômai*) as coisas acontecidas no caminho (*tâ en tê hodô*) e como foi reconhecido (*egnôsthê*: aor. pass. de *ginôsko*) por eles **NO PARTIR DO PÃO**» (*en tê klásei toú ártou*) (Lc 24,30-35).

Na verdade, não se trata de «partir o pão» para vincar uma simples dimensão ou sentimento sócio-caritativo. Trata-se, antes, de afirmar que nenhum de nós é dono, mas simples servo, pertencendo a Deus a propriedade de tudo, com base no espantoso texto de Lv 25,23: «Toda a terra é minha, e vós sois, para

¹² C. DI SANTE, *L'eucaristia terra di benedizione*, p. 11.

mim, estrangeiros (*gerîm*) e hóspedes (*tôshabîm*)». Partir o pão entre nós é então uma exigente afirmação teológica e ontológica da soberania boa de Deus e da nossa fraternidade recebida¹³.

3.4.1. Hospedados na casa de Deus: «Secção dos pães» (Mc 6,30-8,26)

O episódio a seguir referido ilustra e esclarece a afirmação teológica que acabámos de fazer no apartado anterior acerca da soberania boa de Deus e da nossa condição de hóspedes e de irmãos:

«6,³⁰E reúnem-se os apóstolos junto de JESUS e contam-lhe todas as coisas que tinham feito e ensinado. ³¹Ele diz-lhes: “Vinde vós, à parte, para um lugar deserto, e descansai um pouco”. Eram, na verdade, muitos os que vinham e partiam, e nem sequer para comer tinham tempo. ³²E partiram numa barca para um lugar deserto, à parte. ³³Viram-nos, porém, partir, e sabendo, muitos, a pé, de todas as cidades, correram e chegaram antes deles. ³⁴E tendo saído da barca, viu uma grande multidão e TEVE MISERICÓRDIA (*esplagchnístê*) deles, porque eram como ovelhas sem pastor (cf. Is 53,6).

E COMEÇOU A ENSINAR-LHES (*êrxato didáskein*) muitas coisas. ³⁵E tendo a hora adiantado muito, aproximaram-se d’Ele os discípulos d’Ele e diziam: “O lugar é deserto e a hora adiantada. ³⁶MANDA-OS EMBORA, para que, partindo para os campos e aldeias à volta, COMPREM de comer PARA SI MESMOS (*heautoîs*)”. ³⁷Então Ele, respondendo, disse-lhes: “DAI-LHES vós de comer”. Dizem-lhe: “Partindo, compraremos duzentos denários de pães (*ártous*) para lhes dar de comer?” ³⁸Ele diz-lhes. “Quantos pães (*ártous*) tendes? Ide ver”. E tendo sabido, dizem: “Cinco, e dois peixes”. ³⁹E ordenou-lhes que fizessem reclinar (*anaklínô*) a todos, em grupos, sobre a erva verde (*klôròs chórto*). ⁴⁰E sentaram-se em grupos de cem e de cinquenta. ⁴¹E recebendo (*labôn*) os cinco pães (*ártous*) e os dois peixes, levantou os olhos (*anablépsas*) para o céu, bendisse (*eulógêsen*) e PARTIU (*katéklasen*) os pães (*ártous*) e dava (*edídou*) aos discípulos d’Ele para que os pusessem diante deles, e os dois peixes repartiu para todos. ⁴²E todos comeram e foram cheios, ⁴³e recolheram doze cestas (*kóphinoi*)¹⁴ cheias de pedaços de pão (*klásmata*) e dos peixes. ⁴⁴Os que tinham comido os pães (*ártous*) eram cinco mil homens (*ándres*)» (Mc 6,30-44).

¹³ C. DI SANTE, *L’eucaristia terra di benedizione*, p. 27-29 e 176-202; C. DI SANTE, *Parola e Terra. Per una teologia dell’ebraismo*, Génova, Marietti, 1990, p. 48-58.

¹⁴ De notar as doze cestas (*kóphinoi*) dos judeus (6,43; 8,19) em confronto com os sete cestos (*spyrídes*) dos pagãos (8,8.20). Diferença de tamanho e diferente simbologia numérica.

O episódio que acabámos de referir, retirado do Evangelho de Marcos, é conhecido como a «primeira “multiplicação dos pães”», realizada, neste caso, em mundo judaico. Mas vê-se bem que o título de «multiplicação» é inadequado, pois o que está aqui em causa não é, na verdade, uma multiplicação, mas uma divisão ou condisão¹⁵.

Neste episódio, salta à vista o comportamento compassivo, acolhedor, inclusivo e de partilha de Jesus em confronto com o comportamento insensível, não-acolhedor, exclusivista, frio, mercantilista, consumista, egoísta e egocêntrico destes discípulos de Jesus, que propõem a Jesus que mande as pessoas embora, para que cada um compre de comer para si mesmo (Mc 6,36). O diagrama a seguir mostra os dois comportamentos em confronto:

Jesus	Discípulos
Misericórdia	Insensibilidade
Acolher	Excluir
Ensinar	Mandar embora
Dar	Comprar
Condividir	Cada um para si

A Escritura mostra que o perigo espreita sempre que se quebra o círculo da fraternidade, e alguém passa a viver, a comprar, a acumular para si mesmo, ou a querer salvar-se a si mesmo (*heautô*) (Ez 34,2; Lc 12,21; 23,35.37.39; Rm 14,7; 2 Cor 5,15)¹⁶:

«34,²Filho do Homem, profetiza contra os pastores de Israel. Profetiza e diz-lhes: “Contra os pastores, assim diz o Senhor YHWH: Ai (*hôy*) dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos (*ro'im 'ôtam* TM; *poiménes heautoús LXX*)”» (Ez 34,2; cf. 34,8.10).

«12,²¹Assim acontece àquele que entesoura (*ho têsaurízôn*) para si mesmo (*heautô*), e não é rico para Deus» (Lc 12,21).

¹⁵ Ver, a propósito, a inteligente reflexão de C. DI SANTE, *L'Eucaristia terra di benedizione*, p. 190-202; C. DI SANTE, *Eucaristia. L'amore estremo*, Villa Verucchio, Pazzini, 2005, p. 110-112; C. DI SANTE, *Risponsabilità. L'io-per-l'altro*, Roma – Fossano, Lavoro – Esperienze, 1996, p. 154-157; G. PERINI, *Le domande di Gesù nel Vangelo di Marco. Approccio pragmatico: ricorrenze, uso e funzioni*, Roma – Milão, Pontificio Seminario Lombardo – Glossa, 1998, p. 75.

¹⁶ A. SERRA, *La fuga e il ritorno del figlio prodigo (Lc 15,11-32). Parabola del peccato e della conversione d'Israele?*, in R. FABRIS (ed.), *La Parola di Dio cresceva (At 12,24)*, p. 238.

«23,³⁵Também os chefes faziam pouco dele, dizendo: “Salvou outros; que se salve a si mesmo (*heautón*)» (Lc 23,35).

«23,³⁶Também os soldados faziam pouco dele, e aproximando-se, ofereciam-lhe azeite,³⁷e diziam: se tu és o Rei dos judeus, salva-te a ti mesmo (*seautón*)”» (Lc 23,36-37).

«23,³⁹Um dos malfeitores suspensos blasfemava, dizendo-lhe: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo (*seautón*) e a nós”» (Lc 23,39).

«14⁷Nenhum de nós para si mesmo (*heautô*) vive e nenhum para si mesmo (*heautô*) morre; ⁸se vivemos, é para o Senhor (*tô Kyríô*) que vivemos; se morremos, para o Senhor (*tô Kyríô*) morremos» (Rm 14,7).

«5,¹⁵E por todos (Cristo) morreu, para que os vivos não vivam para si mesmos (*heautoîs*), mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou» (2 Cor 5,15).

Sempre neste sentido, o inédito da Cruz é «obsceno», no sentido etimológico, fica fora da cena do nosso imaginário. Diz muito bem Silvano Fausti: «Um sistema de violência acaba sempre por repousar sobre uma alternativa: matar ou ser morto. Nós escolhemos preventivamente a primeira: cada um de nós faz o mal que pode, como profissão principal, de maneira a ser bem sucedido: o ladrão ou o banqueiro, o comerciante ou o operário, o médico ou o barbeiro, o patrão ou o criado, o padre ou o assaltante, o benfeitor ou o delinquente. Cada um, com os meios que tem, pensa primeiro em si»¹⁷. Na verdade, se cada um é inimigo do outro por definição, e se, para cada um, prioritária é a salvaguarda da ameaça do outro, as possibilidades do eu são vencer ou sucumbir, e, em caso extremo, matar ou ser morto¹⁸».

O que estes malfeitores, que somos nós, não sabemos, e, por causa deste nosso não saber, fazemos o mal, é que existe um Pai, a quem compete cuidar dos seus filhos. E se temos um Pai que cuida de nós, não nos compete ser inimigos, mas irmãos. E se somos filhos e irmãos, também não compete a cada um prover-se e salvar-se a si mesmo, pois é o nosso Pai que nos alimenta, nos veste e nos salva (Mt 6,26-34).

Aí está outra vez à vista o inédito da Cruz: Jesus não se salva a si mesmo, porque salvar-se a si mesmo é mau. Na verdade, é para se salvarem a si mesmos que os homens se odeiam e fazem guerra. Ora, Jesus quer salvar-nos a nós. E, para nos salvar a nós, perde-se a si mesmo. Exactamente o contrário do que

¹⁷ S. FAUSTI, *L'Idiozia. Con postilla sul giubileo*, Milão, Âncora, 1999, p. 53.

¹⁸ C. DI SANTE, *La passione di Gesù*, 136.

fazemos nós, que perdemos os outros pensando que assim nos salvamos a nós mesmos¹⁹.

3.5. Dar

A atitude das mãos abertas em relação a Deus, para tudo receber dele, deve agora manter-se em direcção aos nossos irmãos, sublinhando a atitude de dar. Eis também, a título ilustrativo, um breve repositório de textos:

«26,²⁶Enquanto comiam, tendo recebido (*labôn*) Jesus o pão (*árton*) e tendo bendito (*eulogêsas*), partiu-o (*éklasen*) e, tendo-o **DADO** (*dídômi*) aos discípulos, disse: “recebei (*lâbete*) e comei; isto é o meu corpo”.²⁷E tendo recebido (*labôn*) um cálice, e tendo dado graças (*eucharistêsas*), **DEU**-lho (*édoken*), dizendo: “Bebei dele todos;²⁸isto é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”.²⁹Digo-vos a vós: “desde agora não beberei deste fruto da videira até (*héôs*) àquele dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai”» (Mt 26,26-29).

«24,³⁰E aconteceu que, tendo-se reclinado à mesa (*kataklithênai*: aor. inf. pass. de *kataklínô*) com eles, recebeu (*labôn*: part. aor² de *lambánô*) o pão, bendisse (*eulogêsen*: aor. de *eulogéô*), e partiu (*klásas*: part. aor. de *kláô*) e **DAVA**-lhes (*epedídou*: imperf. de *epidídômi*)» (Lc 24,30).

«16,²⁰nutriste o teu povo com um alimento de ANJOS,/ **DESTE**-lhe o PÃO do CÉU,/ com mil sabores:/²¹manifestava a tua DOÇURA (*glykýtês*).//²⁶Assim os teus FILHOS QUERIDOS aprenderam, Senhor,/ que **NÃO É A PRODUÇÃO** DE FRUTOS que alimenta os homens,/ mas a tua palavra que a todos sustenta» (Sb 16,20-21.26).

Textos sublimes. Mostram, sobretudo o último, que não são as coisas que contam, mas a bondade, a doçura e a intencionalidade de Deus que as habita e as faz ser²⁰, e que os nossos gestos devem realizar no quotidiano essas maravilhas que celebramos ritualmente na Eucaristia. Note-se ainda, no texto de Lc 24,30, a tradução da vida toda de Jesus como aquele que dá sempre – continuando,

¹⁹ S. FAUSTI, *L'Idiozia*, p. 57-58.

²⁰ A. WÉNIN, *Pas seulement de pain... Violence et alliance dans la Bible*, Paris, Cerf, 1998, p. 220-221.

portanto, a dar ainda hoje –, atitude expressa naquele imperfeito de duração (Dava-lhes)²¹.

3.6. Comemorar / fazer em memória de mim

Seleccionámos um único texto, para nos ensinar esta importante atitude eucarística, que passa muitas vezes despercebida:

«11,²³Eu recebi (*parélabon*) do Senhor o que também vos transmiti (*parédôka*): que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), recebeu (*élaben*) o pão (*árton*),²⁴e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para **MEMÓRIA DE MIM**” (*toûto poiéite eis tèn emên anámnêsin*).²⁵Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para **MEMÓRIA DE MIM**” (*toûto poiéite... eis tèn emên anámnêsin*).²⁶Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, estais a anunciar (*kataggéllete*) a morte do Senhor até que Ele venha (*áchris hou élthê*)» (1 Cor 11,23-26).

Trata-se de «fazer memória» de uma pessoa concreta. Não consiste em qualquer procedimento mental ou psicológico tipicamente cartesiano ou do pensamento moderno, nem sequer da muito falada «reactualização», de acordo com a escola do mito ciclicamente encenado pelo rito, «a escola mítico-ritual» (*The Myth and Ritual School*), de A. Bentzen, S. H. Hooke e S. Mowinckel²². Trata-se do nosso envolvimento pessoal na proclamação da morte de Cristo com a nossa vida, e com estilos de vida concretos, que resultam da compreensão da nossa identidade de cristãos em plena comunhão com Cristo que dá a sua vida para salvar a nossa²³. «Fazer memória» de Jesus e da sua morte na Cruz não quer dizer recordar o seu sofrimento, porque o sofrimento, em si mesmo, não redime, e, como ensina a experiência, pode mesmo fechar-nos na incompreensão; também não se trata de recordar a coragem com que enfrentou a paixão e a morte injustas (também os heróis gregos souberam enfrentar com dignidade a sua sorte adversa); trata-se, antes, de contemplar com a inteligência e o coração o milagre do amor que, naquela Cruz, se despregou²⁴.

²¹ Ch. PERROT, *Emmaüs ou la rencontre du Seigneur (Lc 24,13-35)*, in M. BENZERATH, A. SCHMID, J. GUILLET (eds.), *La Pâque du Christ Mystère de Salut. Mélanges offerts au P. F.-X. Durrvel pour son 70^e anniversaire avec un témoignage du jubilaire*, Paris, Cerf, 1982, p. 164.

²² A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians. A Commentary on the Greek Text*, Grand Rapids – Cambridge – Carlisle, Eerdmans – Paternoster, 2000, p. 878-879, com outras referências.

²³ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 880-882.

²⁴ C. DI SANTE, *Eucaristia. L'amore estremo*, p. 76.

3.7. Anunciar

Voltamos ao grande texto de 1 Cor 11,23-26, para inculcar esta fundamental atitude Eucarística, também bastante negligenciada:

«**11**,²³Eu recebi (*parélabon*) do Senhor o que também vos transmiti (*parédôka*): que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), recebeu (*élaben*) o pão (*árton*), ²⁴e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim”. ²⁵Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para memória de mim”. ²⁶Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, **ESTAIS A ANUNCIAR** (*kataggéllete*) a morte do Senhor até que Ele venha (*áchris hoû élhê*)» (1 Cor 11,23-26).

A sintaxe e o encadeado das palavras mostra que a ênfase é colocada na «morte do Senhor», mas apresenta também a forma verbal *kataggéllete* como um presente contínuo, com o significado de «vós estais a anunciar». Esta forma de dizer, não só retoma da anterior atitude a nossa identificação com Cristo que dá a sua vida por nós, mediante estilos de vida concretos, como dá um passo em frente, reclamando de nós, como requer em muitas outras passagens o uso do verbo *kataggéllô*, o anúncio concreto do Evangelho (1 Cor 9,14), pregar a palavra de Deus (Act 13,5), pregar Cristo (Act 4,2; Fl 1,17-18). Este *kataggéllô*, além de reclamar a nossa radical identificação com Cristo que dá a sua vida por nós, convida-nos ainda a subir ao púlpito para proclamar o Evangelho de Cristo, alto e bom som²⁵. Anunciar a morte de Jesus não tem qualquer sentido fúnebre, não é anunciar o sofrimento dorido ou a coragem do herói, mas sim a soberana novidade da dádiva da vida.

3.8. Esperar / até que ele venha

Ainda o mesmo texto de 1 Cor 11,23-26 para vincar uma nova atitude da esperança cristã, também, por sinal, bastante esquecida:

«**11**,²³Eu recebi (*parélabon*) do Senhor o que também vos transmiti (*parédôka*): que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), recebeu (*élaben*) o pão (*árton*), ²⁴e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o

²⁵ A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 886-887.

meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim". ²⁵Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: "Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para memória de mim". ²⁶Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, estais a anunciar (*kataggéllō*) a morte do Senhor **ATÉ QUE** Ele venha (*áchrís hou élthé*)» (1 Cor 11,23-26).

Este «até que» desenha claramente a grande atitude da esperança cristã, que deve informar todos os gestos do nosso quotidiano, mesmo os mais humildes, como os textos a seguir referidos documentam²⁶:

«**26,**²⁹ **ATÉ QUE** (*héôs*) venha o Reino de Deus» (Mt 26,29; Mc 14,25; Lc 22,16-18);

«**13,**³³ O Reino de Deus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e introduziu em sessenta quilos de farinha "**ATÉ QUE**" (*héôs*) tudo fique levedado» (Mt 13,33; Lc 13,21);

«**15,**⁴ Qual o homem entre vós que tendo cem ovelhas e tendo perdido delas uma só, não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás da que perdeu **ATÉ** (*héôs*) a encontrar?» (Lc 15,4);

«**15,**⁸ Ou qual a mulher que tendo dez dracmas, se perder uma só, não acende uma luz e varre a casa e procura atentamente **ATÉ** (*héôs*) a encontrar?» (Lc 15,8).

«**10,**⁸ **ESPERARÁS** sete dias **ATÉ** (*'ad TM / héôs LXX*) eu ir ter contigo para te fazer ver o que deves fazer» (1 Sm 10,8).

A esperança bíblica e cristã traduz-se numa fortíssima atitude eucarística, que torna o nosso rosto tenso para receber Alguém (*apekdechómetha*: *apò + ek + déchomai*) (Rm 8,25), no sentido de quem vive de (*ek*) se receber (*déchomai*) de Alguém, saindo de si (*apó*) para se orientar completamente para o Outro (Sl 130,5-6). A mesma atitude é expressa com *apokaradokía*: *apò + kára + dokía* (Rm 8,19; Fl 1,20)²⁷, termo cunhado por Paulo, e que traduz um rosto tenso para Deus, à espera de Deus. Tanta é a força da espera esperante que nos move, que é como se o nosso rosto (*kára*), de tão tendido (*dokía*) pela atitude da espera, quase se desligasse do pescoço (*apó*).

²⁶ P. GRELOT, *L'institution du «Repas du Seigneur»*. Pour une lecture des textes parallèles, in *Esprit et Vie*, 34-35-36, 1996, p. 478.

²⁷ O termo *apokaradokía*, de *apo + kara + dokéō* [= fora de + cara (rosto) + esperar], não aparece no grego antes do cristianismo, e Paulo é o único a usá-lo no NT (Rm 8,19; Fl 1,20), e mostra o gesto de quem alonga o pescoço para ver o que vai suceder e traduz bem as criaturas como pessoas. S. LÉGASSE, *L'épître de Paul aux Romains*, Paris, Cerf, 2002, p. 538, nota 24; D. Moo, *The Epistle to the Romans*, «The New International Commentary on the New Testament», Grand Rapids, Eerdmans, 1996, p. 513; J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani. Commentario critico-teologico*, Casale Monferrato, Piemme, 1999, p. 603-604.

Esperança, no mundo grego, é *elpís*, e tem o significado de «previsão», «lícita expectativa», assente nos nossos calculismos e exercícios racionais²⁸. Ao contrário, a esperança bíblica e cristã é sem medida, tem a ver com o nunca antes visto, aponta para além das leis da natureza, está em luta aberta contra as evidências. Trata-se de «esperar contra a esperança» (*par' elpída ep' elpídi* = contra a esperança na esperança)» (Rm 4,18)²⁹. É assim que Paulo define a atitude de Abraão. Diz-se, em hebraico, *tiqwalh*³⁰, e deriva de *qaw*, que pode significar «fio», «fita métrica», «cordel para medir». Percebe-se que tem a ver com o «fio» que se estica para medir, até chegar à medida ainda sem medida e sem solução à vista, mas que tem solução recebida de Deus. É como o «fio», a «corda», o «arame» estendido entre a dor e a consolação esperada, entre a humanidade e Deus, fio tenso e seguro entre duas mãos, a de Deus e a nossa. A esperança bíblica e cristã consiste na dupla atitude de estarmos sempre à espera de Alguém, e de sabermos que Alguém está sempre à nossa espera.

4. Cânon, anáfora, prefácio, oração eucarística

O termo «cânon», do hebraico *n^ekonah*³¹, que significa «cana», «unidade de medida», é o mais antigo e venerando em uso no Ocidente desde S. Gregório Magno (535-604) até ao II Concílio do Vaticano. Com o recurso a este termo, a tradição quis dizer que o louvor ou a bênção, que se segue à oração universal, não é apenas uma oração entre outras, mas a oração normativa e paradigmática, a oração por excelência³². Abre com: «Corações ao alto!» e «Demos Graças ao Senhor, nosso Deus!» Termina com a doxologia epicléctica: «Por Cristo, com Cristo, em Cristo, / a vós, Deus Pai, todo-poderoso, / na unidade do Espírito Santo, / toda a honra e toda a glória, / agora e para sempre».

O termo «anáfora» impôs-se sobretudo nas Igrejas do Oriente, e implica um movimento ascensional, sair do «eu», até à alteridade divina, num puro movimento de louvor e reconhecimento³³. Em tudo semelhante é o termo «prefácio», que remete para o latim *preafari* [= proclamar], que põe em evidência o aspecto

²⁸ D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, in R. FABRIS, D. GAROTA, M. GUIZZI, C. MILITELLO, M. TENACE, *Salvati nella Speranza. Commento e guida alla lettura dell'Enciclica Spe Salvati di Benedetto XVI*, Milão, Paoline, 2008, p. 142.

²⁹ D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, p. 142.

³⁰ D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, p. 142.

³¹ «...Não falastes canonicamente (*n^ekonah*) de mim, como fez o meu servo Job» (Jb 42,7).

³² C. DI SANTE, *L'Eucaristia terra di benedizione*, p. 67-68; C. DI SANTE, *Eucaristia. L'Amore estremo*, p. 52-53.

³³ C. DI SANTE, *Eucaristia. L'Amore estremo*, p. 53-54.

público e solene do louvor que o presidente da assembleia formula oficialmente em nome de toda a assembleia celebrante³⁴.

A locução «oração eucarística» impôs-se sobretudo a partir do II Concílio do Vaticano³⁵, e traduz todos os significados já apresentados nos verbos analisados em 5.

Apraz-me terminar recorrendo a S. Paulo e à Anáfora III: «Na noite em que Ele ia ser entregue...» (1 Cor 11,23): assim começa a mais bela melodia que conheço!

Dá-nos, Senhor, um coração novo,
capaz de conjugar em cada dia
os verbos fundamentais da Eucaristia:
RECEBER, BENDIZER e AGRADECER,
PARTILHAR e DAR,
COMEMORAR, ANUNCIAR e ESPERAR.

Dá-nos, Senhor, um coração sensível e fraterno,
capaz de escutar
e de recomeçar.

Mantém-nos reunidos, Senhor,
à volta do pão e da palavra.
E ajuda-nos a discernir
os rumos a seguir
nos caminhos sinuosos deste tempo,
por Ti semeado e por Ti redimido.

Ensina-nos, Senhor,
a saber colher
o Teu amor
semeado e redentor.

Única fonte de sentido
que temos para oferecer
a este mundo
de que és o único Salvador.

³⁴ C. DI SANTE, *Eucaristia. L'Amore estremo*, p. 54.

³⁵ C. DI SANTE, *Eucaristia. L'Amore estremo*, p. 54-60.